



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Ata n.º 6 Sessão Comemorativa do 25 de Abril de 2018

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano dois mil e dezoito, nesta cidade de Portalegre e no Auditório do Centro de Congressos da Câmara Municipal, reuniu a Assembleia Municipal de Portalegre, em sessão solene, com a presença dos seguintes membros: Luís David Trindade de Moreira Testa, Ricardo Jorge da Costa Trindade Palmeiro Romão, Hugo Chichorro e Silva Capote, Joaquim Francisco da Silva Barbas, Miguel Alexandre Ferreira Monteiro, Maria da Conceição Ceia Miranda, Sílvia Maria Pinheiro Miranda Relvas, Adriano de Jesus Miguel Dias Pedro, Amândio José Valente e Valente, de Fernando António Rebola, José Pinto Leite, Luís Miguel Crespo Carvalho, Maria do Rosário Palhas Narciso, João Manuel Ribeiro Baptista Realinho, Rosa Maria Vieira Correia Pinheiro, Marco António Antunes (em substituição de Cristiana Mafalda Camejo, nos termos do artigo 78.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, na sua atual redação), Carla Lucinda Raposo Mocito, José Cordas Barradas, Diogo Júlio Cleto Serra, João Pedro Meira, Pedro Ribeiro Ranheta (em substituição de Ana Catarina Vilhais, nos termos do artigo 78.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, na sua atual redação), Jaime Alexandre da Silva Fitas, Bruno José Marchão Calha, Francisco Manuel Frutuoso Carriço, Francisco José Meira Martins da Silva. -----

O Presidente da mesa, Luís Testa, cumprimentou todos os presentes e declarou por aberta a sessão solene. -----

O Presidente da Assembleia Municipal deu a palavra ao membro Joaquim Barbas, representante do Partido Social Democrata, o qual proferiu o seguinte discurso: -----

“A todos saúdo com amizade.

Comemoramos hoje o quadragésimo quarto aniversário de um acontecimento de enorme relevância para a história de Portugal. A revolução do dia 25 de Abril de 1974. Quis o destino que eu próprio participasse ativamente nos acontecimentos desse dia, pois era militar.

Após estes anos todos recordo com emoção o misto de sentimentos que tive quando na noite de 24 de abril após a hora do recolher, fomos convocados pelo nosso comandante, que já tinha participado no levantamento das caldas da rainha, e informados do que estava previsto acontecer, e quais as nossas missões, dando-nos liberdade de escolha de participar ou não.

Não sei o que se passou pela cabeça dos meus camaradas, mas tenho quase a certeza de que nenhum pensou em não participar.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Aderimos entusiasticamente, tal era a vontade de todos de modificar o estado das coisas no nosso país, onde éramos treinados para a guerra, que era o destino de quase todos.

Recordo-me depois nos dias a seguir do sentimento de alegria e euforia que todos tínhamos, e fundamentalmente da esperança enorme num futuro melhor com a alegria da liberdade que tínhamos conquistado.

O 25 de abril trazia um conjunto de valores com os quais sonhávamos e que se baseavam nos célebres três dês – democracia, desenvolvimento e descolonização.

Como todos sabemos a liberdade é um pilar essencial da democracia.

Hoje Portugal é uma democracia plena, mas que continua a necessitar de ser aperfeiçoada, nomeadamente quanto à participação política, quanto à cultura política.

Na semana passada, sexta-feira, participei nesta mesma sala numa conferência sobre o estado do interior do nosso país, onde nos encontramos.

Os diversos oradores dessa conferência debitaram muitas ideias para o desenvolvimento do interior, de forma a mudar um país que ainda é injusto e desequilibrado.

Foram indicadas três eixos fundamentais: “fiscalidade”, “educação” e “emprego”.

Todos concordamos, mas para mim é fundamental que sejam tomadas medidas drásticas.

Para que essas medidas sejam tomadas por quem tem o poder, temos que aproveitar a liberdade, a democracia que nos deu o 25 de abril.

É preciso lutarmos pelo envolvimento das populações na vida pública.

Desenvolver o conceito de cidadania é fundamental no sentido de apelar à participação de todos os cidadãos para darem o seu contributo em benefício do desenvolvimento da nossa terra.

Já dizia Almeida Garrett:

“O maior inimigo da liberdade é o indiferentismo”

A participação nas questões de natureza política é essencial para melhorar a democracia.

Por isso, em memória do que se passou em 25 de abril de 1974 e até como agradecimento aos que lutaram para a vida democrata que hoje temos, cada um de nós tem o dever de contribuir para o aperfeiçoamento do nosso sistema democrático, contribuindo assim para que os sonhos dos militares de abril seja uma realidade cada vez maior.

O Futuro de nós todos terá de ser construído por todos nós.

Não nos esqueçamos que a nossa liberdade também significa responsabilidade e que cessa quando começa a liberdade do outro.

Infelizmente ainda há alguns que falam e escrevem em total liberdade, sem terem o mínimo sentido de responsabilidade e respeito pelos outros.

Não se dão conta de que quando o fazem estão a manifestar total desprezo pela liberdade dos outros.

Por essas atitudes e pelas ideias que representam, a memória do 25 de abril deve ser constantemente invocada.

Cabe-nos a nós a obrigação de defender a liberdade conquistada.

Nunca é demais recordar o dia da liberdade.

Viva a liberdade! Viva a cidadania! Viva Portalegre!”



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

O Presidente da Assembleia Municipal deu a palavra ao membro Hugo Capote, representante da Coligação Democrática e Unitária, o qual proferiu o seguinte discurso:-----

“Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Portalegre
Exma. Sra. Presidente da Câmara Municipal de Portalegre
Demais Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas
Caros membros da Assembleia Municipal e Vereadores da CMP
Cidadãos de Portalegre:

O 25 de Abril de 1974 é a data fundadora da nossa Democracia e consequentemente do Portugal moderno em que hoje vivemos e que se encontra bem mais distante do Portugal do dia 24 de Abril de 1974 do que os 44 anos que cronologicamente passaram, significam.

Já abordei várias perspetivas do 25 de Abril nesta Assembleia, partilhando angústias, reflexões e certezas com quem não teve outra opção que não fosse a de me ouvir.

Como não tenho uma particular inclinação para a queixa e lamúria, tento embeber as minhas intervenções num otimismo moderado e realista qb, numa clara intenção de espezitar as consciências e de quebrar a resignação, desesperança e derrotismo que parecem invadir os nossos concidadãos e que infecta o espaço público de intervenção e mesmo a classe política do nosso burgo.

Um dos pilares que se tornou indiscutivelmente uma das marcas da Democracia do 25 de Abril é o Poder Local Democrático, e é sobre este que pretendia intervir.

Esta intervenção também tem a particularidade de ser a primeira depois da solução governativa a que os resultados eleitorais autárquicos de Portalegre conduziram, se encontrar em plenas funções.

Uma solução em que 3 forças políticas partilham o poder no nosso concelho, respeitando os resultados eleitorais que elegeram uma outra força política para liderar a Assembleia Municipal e que resultou, em boa medida, da compreensão e perceção de que ultrapassar as (muitas) divergências inerentes a diferentes visões e entendimentos seria possível e desejável e, acima de tudo, cumpriria o desejo que os portalegrenses expressaram nas urnas, de forma democrática.

Esta pluralidade de opiniões, de formas de pensar e de agir cria naturais e até desejáveis fricções no dia a dia da gestão camarária. E digo desejáveis no sentido em que a experiência já nos ensinou que gestões monolíticas e maioritárias, enclausuradas em si mesmas, fechadas a contributos alheios ao seu seio e desprovidas, porventura, de processos de autocritica, se tornam estéreis na capacidade de inovar e renovar a sua ação política e arrogantemente inchados de autoconvencimento eleitoral, que inevitavelmente os afasta daqueles de quem mais deviam estar próximos - os cidadãos.

Esta experiência de governação terá de constituir uma profunda alteração das formas e do modus operandi dos últimos mandatos.

Terá de ser inclusiva e respeitadora das diferentes individualidades e idiosincrasias político-ideológicas que a compõem; terá de ser transparente nos métodos e decisões, terá de ser capaz de dar uma resposta aos anseios e expectativas dos portalegrenses



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

e exigirá de todos e a todos o mais difícil de qualquer processo político - a capacidade de confiar no outro.

A todos é exigido que por momentos nos coloquemos no lugar dos outros e, acima de tudo, que pensemos e consideremos sempre o que será melhor para Portalegre! Mesmo que tal implique o meu temporário eclipse político!

Esta solução tem ainda a enorme virtude "de não excluir da gestão camarária grandes fatias do eleitorado portalegrense, chamando-os à mesa das negociações e dando-lhes mais que uma voz, provendo-lhes uma ferramenta para agir e realizar, mesmo que minoritária.

Mas se a diversidade de opiniões e de ideias e de leituras dos problemas e das suas possíveis soluções é desejável, pois no PCP acreditamos que é das mais acesas e empenhadas discussões que nascem as melhores ideias e propostas de ação, reconhecendo que sempre que o não fizemos, nos afastámos daquela que deveria ser sempre a nossa matriz ideológica, também acreditamos profundamente na unidade da ação.

Ou seja, depois de um processo de decisão participado e o mais alargado possível deverá resultar uma decisão aceite por todos, pois todos tiveram as mesmas condições de participação e de defesa das suas próprias ideias.

E aqui, permito-me dirigir algumas palavras à Presidente da Câmara de Portalegre, Dra. Adelaide Teixeira, a quem me ligam laços de cordialidade pessoal resultantes de quase 10 anos de trabalho e de convivência autárquica, além do profundo respeito institucional que nutro por si, embora aqui e acolá, admito, salpicados por alguma irreverência e rebeldia, próprios de quem estudou em Coimbra e até liderou aquela espantosa Academia.

Mas dizia eu que me iria permitir dirigir algumas palavras à Sra. Presidente, imbuído do mais profundo sentido institucional que me é possível sentir e desejando nada mais que o melhor para Portalegre.

Não desperdice a oportunidade que tem de poder contar com elementos muito experientes e com outras visões, porventura capazes de complementar a sua.

Não desperdice a mais pequena possibilidade de ouvir todos os que a rodeiam e de incluir as suas opiniões nas discussões, enriquecendo o debate e tornando mais transparente o processo de decisão.

Mas também não receie decidir quando chegar a hora, escolhendo um e só um caminho, sem olhar atrás e sem vacilar na opção tomada.

Por isso é tão importante o processo de decisão, assente numa basta pluralidade de opiniões e numa indiscutível transparência de processos.

Se hoje me perguntarem o que é de ser de esquerda e comunista em pleno século XXI, a minha resposta vai cada vez mais neste sentido.

Fazer com que todos participem ou se sintam participantes nos processos de gestão do bem público, seja ele uma escola pública, uma empresa pública ou um hospital, a sua autarquia, e claro o próprio governo.

Em jeito de conclusão, pergunto-vos se passados 44 anos do 25 de Abril sentem que a vossa voz é ouvida nos processos de gestão pública?

Quando penso na EDP, na PT, nos CTT, no meu próprio hospital ou na escola das minhas filhas, o que sinto é que vivemos um processo de progressivo e inexorável afastamento das decisões de gestão de todo o espaço público.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Temos um país mais formado do que alguma vez tivemos, com capacidades e competências que nos permitiram ser hoje um país moderno e mais habilitado a intervir.

E no entanto somos cada vez mais afastados da gestão do que é nosso, do que é público, do bem comum! Porquê?

Eu tenho algumas respostas, mas pensem por vocês e cheguem às vossas conclusões.

Por isso, relembrar o 25 de Abril, recordando o que significou aquele dia para a larga maioria dos portugueses; ensinar às crianças de hoje, como vimos nos trabalhos expostos à entrada deste edifício - e aqui permitam-me saudar os professores Joaquim Rouqueiro e António Sequeira, a quem saúdo pela iniciativa - crianças que hoje estão muito longe de imaginar o que era aquele país triste e ultrapassado, que foi o 25 de Abril a trazer para a realidade o país com que os pais e os avós delas sonharam, é um dever que temos com todos os que nos ofereceram esta oportunidade - e aqui homenageio os capitães de Abril - mas é igualmente um dever para com as novas gerações!

E que comemorar o 25 de Abril seja uma festa e que se festeje como o Zeca a cantou: “seja bem-vindo quem vier por bem, se alguém houver que não queira, trá-lo contigo também”!

E pode ser que todos juntos perpetuemos o 25 de Abril, para que não seja necessário repeti-lo!

Viva Portalegre! Viva o 25 de Abril!”

O Presidente da Assembleia Municipal deu a palavra ao membro Ricardo Romão, representante da Coligação Independente e Livre por Portalegre, o qual proferiu o seguinte discurso:-----

“Exmo. Senhores Deputados eleitos pelo Círculo de Portalegre,
Exmos. Senhores Presidente e membros da Assembleia Municipal de Portalegre,
Exma. Sra. Presidente da Câmara Municipal de Portalegre,
Exmos Senhores Vereadores,
Exmos Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia do Concelho,
Exmas. Entidades Cívicas, Militares e Religiosas
Exmos. Representantes de Associações e outras Entidades,
Exmos Funcionários da Câmara Municipal de Portalegre,
Exmos membros dos órgãos de Comunicação Social,
Minhas Senhoras e meus Senhores, Estimados Portalegrenses:

Assinala-se hoje mais um aniversário da Revolução, ocorrida a 25 de abril de 1974. Esse dia marcou, de forma decisiva, a história contemporânea do nosso país, pondo fim a mais de quatro décadas de regime ditatorial, abrindo as portas para a instalação da atual Democracia.

Durante estes 44 anos de regime democrático ocorreu também a maturação do nosso sistema político e, conseqüentemente, a organização do país, que teve um período inicial, de transição, mais conturbado, pela conquista da desejada liberdade, a implantação dos partidos, da Constituição e do sistema parlamentar. E a resolução de



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

problemas prementes como a descolonização ou a reorganização de um sistema muito militarizado. Depois disso, assistimos à redução gradual do analfabetismo, à melhoria das condições de trabalho, à integração das mulheres na sociedade, ao desenvolvimento da economia, a melhorias nas condições de saúde; no fundo à estabilização da sociedade e à abertura ao exterior e integração de Portugal na Economia Europeia, através da adesão à então Comunidade Económica Europeia. Depois disso, e até ao presente, assumimos um país em democracia plena, membro ativo e integrado da atual União Europeia e, além disso, consciente do seu lugar e papel numa economia mundial, num contexto presente e futuro de globalização. O conjunto de cidadãos que, presentemente, se envolvem na gestão do país, no sistema político e público, integra ainda hoje muitos daqueles que prepararam e fizeram a Revolução mas, cada vez mais e como é natural, uma geração de gente que nasceu após o 25 de abril de 1974 (como eu próprio, que nasci 2 meses após a revolução) e que deve ser capaz de compreender a história e honrar o legado que possibilitou termos um país democrático, mais igualitário, mais livre, mais justo, mais fraterno, mais moderno e próspero. Portanto: um Portugal melhor.

O sistema democrático, que hoje aqui celebramos, trouxe até à atualidade um sistema político que evoluiu da organização e “amadurecimento” dos partidos, e que tem baseado os vários sistemas governativos eleitos pelos portugueses num número muito limitado de forças políticas, que se vão alternando na condução dos destinos do país. O 25 de abril de 1974 trouxe aos portugueses as liberdades e direitos fundamentais do Estado de Direito Democrático. Mas confiou-lhes (confiou a todos nós!) o dever de zelar pelos valores sociais, culturais e humanitários da própria Revolução. Uma democracia mais madura, com cidadãos mais atentos, mais exigentes e com um pensamento cada vez mais global tem vindo a instalar também novas formas de ver as necessidades da sociedade e da própria política, que fogem ao tradicional seguidismo e militância dos partidos. Muitas das vozes críticas e dissonantes vêm do interior dos próprios partidos. Por isso, têm vindo a ganhar importância e peso os movimentos apartidários, os movimentos de cidadãos, de que a Candidatura Livre Independente por Portalegre, que aqui represento, é um exemplo de sucesso na governação de um Município. Os movimentos independentes, apesar das dificuldades de integração que têm no nosso sistema político – concebido para os Partidos – têm marcado presença em diversas eleições, com maior visibilidade nas eleições Autárquicas e nas eleições Presidenciais.

Considerando que os partidos políticos são de extrema importância na organização do país, até pelas razões históricas já referidas, importa perceber alguns sinais da Sociedade, como sejam as elevadas taxas de abstenção eleitoral ou a reduzida participação dos cidadãos na Causa Pública. Se é verdade que a nossa democracia está, de um modo geral saudável, também é manifesto que um sistema político pouco renovado – e sobretudo com dificuldade em mobilizar alguns cidadãos mais válidos da sociedade civil – pode perverter o sistema, se não forem acautelados os mecanismos de salvaguarda da integridade daqueles que se dedicam à política. Até porque a ambição desmesurada pelo poder pode conduzir a sistemas totalitários que desvirtuam uma democracia partilhada. É talvez por tudo isso que, nos últimos tempos, se vão sucedendo publicamente casos judiciais envolvendo políticos, decisores e diversos agentes económicos, que constroem as suas carreiras pessoais



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

utilizando a política em esquemas de corrupção, de nepotismo, de abuso de poder e enriquecimento ilícito, subjugando a ética a que estaríamos obrigados e, com isso, comprometendo as bases de confiança que os eleitores devem ter nos eleitos. Talvez seja também uma demonstração de maturidade da Democracia Portuguesa acreditar que o sistema judicial está mais atento e mais empenhado neste âmbito, eventualmente devolvendo, um dia, a confiança aos portugueses nos seus governantes. Quem está dedicado à Causa Pública, como muitos dos que aqui estão hoje em representação dos portalegrenses e dos portugueses, devem centrar-se na humildade, na ética, na honestidade, na dedicação à causa que abraçaram, pois só assim será possível uma verdadeira democracia participativa, construtiva, plural e de confiança.

Na dimensão regional e Municipal, onde nos enquadrámos, também aspiramos a uma Democracia plena. Devemos acreditar que, um dia, o português que vive em Portalegre, tem as mesmas oportunidades e direitos que o português que vive em Lisboa. Será conversa retórica julgar que algumas medidas avulsas que vão sendo tomadas para mitigar as diferenças regionais atuais serão suficientes para inverter a tendência de litoralização do país. Acreditar que um Círculo Eleitoral como o de Portalegre, com dois deputados eleitos, poderá ter um dia capacidade de influência central no atual sistema político é irreal. Enquanto andarmos apenas nós, portalegrenses, a clamar por uma diferenciação do interior e da nossa região, estaremos subjugados à pequena esmola que nos pretendam atribuir. De outra forma, será necessário que todos os governantes, sejam de Lisboa, do Porto ou de Braga, entendam que é de seu próprio interesse e do país que se esbatam as diferenças entre o litoral e o interior. É isso também a Democracia. É esse o princípio daquilo que a Revolução de 1974 trouxe ao país. Esperamos, portanto, que aqueles que precisamente neste momento, no Palácio de S. Bento, celebram também esta efeméride, percebam que apenas um país à mesma velocidade, com cidadãos com os mesmos direitos e garantias, com coesão territorial, conseguirá prosperar, assumindo-se com a competitividade que se impõe num futuro cada vez mais exigente. Por aqui, pelo Concelho de Portalegre, este grupo de cidadãos da CLIP, está disposto a mostrar que somos resilientes, que a região tem muitas qualidades, que estamos num território privilegiado para viver, trabalhando diariamente por esta nossa Democracia, pela nossa Liberdade, pelo futuro dos nossos.

Viva a Democracia! Viva Portalegre! Viva Portugal!"

O Presidente da Assembleia Municipal deu a palavra à Presidente da Câmara Municipal, Adelaide Teixeira, a qual proferiu o seguinte discurso: -----

“Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Municipal e restantes membros da mesa;
Ex.mos Senhores Deputados Municipais;
Ex.mos Senhores Vereadores;
Exmos Senhores Presidentes de Juntas de Freguesia;
Outros autarcas e convidados;
Ex.mas Entidades presentes, Civis, Militares e Religiosas;
Ex.mos Representantes dos Partidos Políticos;



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Orgãos de Comunicação Social;

Minhas Senhoras e meus Senhores;

Comemoramos hoje o quadrigésimo quarto aniversário do movimento militar do 25 de abril de 1974.

E, mais uma vez, nunca é de mais lembrar e homenagear aqueles, mulheres e homens, que ao longo de 48 anos de ditadura, lutaram com coragem e, nalguns casos, com a vida, pela liberdade e pela democracia no nosso País.

Impõe-se, também, neste dia, evocar os valorosos militares de abril que contribuíram decisivamente para que e nas inolvidáveis palavras de Sophia de Mello Bryner “na madrugada daquele dia inicial inteiro e limpo... emergimos da noite e do silêncio”.

Celebrar o 25 de abril é partilhar a preservação de uma memória coletiva de democracia, de liberdade, de afirmação dos direitos civis e políticos, de um país justo e eficiente, onde todos têm voz e onde todos devem intervir e agir em comunidade, com vista a uma sociedade que inclui.

Celebrar o 25 de abril, como Dia da Liberdade, também implica assumir um sentido de responsabilidade e de esperança, bem como de reflexão sobre o passado, o presente e o nosso futuro.

Celebrar o 25 de abril, representa a dignidade, o progresso das nossas gentes e do território, o desenvolvimento, a proteção social, o aumento da qualidade de vida para a maioria dos cidadãos.

Celebrar o 25 de abril, a revolução dos cravos, é assumir como primordial a intervenção política, promovendo o sujeito social ativo, interventivo e crítico.

Celebrar o 25 de abril é celebrar o poder local, aquele que mais honra a relação entre quem elege e quem é eleito.

Ser-se autarca é uma das mais nobres formas de servir abril, servindo os outros.

É neste contexto que uma das melhores formas de homenagear abril é continuar a garantir com dignidade o futuro do poder local democrático.

Reconhece-se, hoje, que o Poder Local teve uma importância preponderante em vários domínios; económico, social, cultural, ambiental, entre outros e que mais tem contribuído para a coesão social e para estimular a participação dos cidadãos nas decisões da administração pública.

Numa altura em que se fala de descentralização, recordo o que o Presidente da República refere a tal propósito: a descentralização não pode esquecer a importância desta ideia tão simples, de que “há um só Portugal e as desigualdades são fruto de uma longa herança”.

Este é um momento de “viragem”, que não percamos a oportunidade de pensar o território como um “todo”, criando mecanismos que permitam corrigir as desigualdades dentro do mesmo País, que possamos (e saibamos) dar mais competências a quem deu já provas de gerir melhor os recursos.

E estou a referir-me, não só à descentralização, como ao necessário e conseqüente ordenamento do território e à Lei das Finanças Locais, como formas de, pelo menos, atenuar as desigualdades que se verificam entre o interior e o litoral do País.

Que não nos esqueçamos das nossas freguesias e do importantíssimo papel que desempenham junto dos seus concidadãos e que deve ser ainda mais valorizado. Não devem deixar de ser contempladas na discussão da descentralização, sob pena de



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

perdermos válidos contributos de proximidade e de resolução de problemas das populações.

Já o disse e repito, a melhor forma de homenagear abril é continuar a garantir o futuro do Poder Local democrático, uma conquista de abril de 1974, atribuindo mais recursos às autarquias, eliminando as restrições que ainda persistem à autonomia municipal e valorizando os trabalhadores da administração local.

É sempre tempo, mas hoje é dia de lembrar que este é o tempo de pensar o País, de o valorizar, de o tornar mais eficaz e eficiente. Para isso, é necessário reforçar o Poder Local, dar-lhe mais recursos, mais autonomia e de implicar ainda mais todas as pessoas, todos os cidadãos.

Então, ainda mais importante se torna que os políticos não desistam de manter os cidadãos unidos em torno de um programa que se quer e sinta partilhado, que equilibre a liberdade individual, a justiça, a vivência em comunidade, que são conquistas desejadas pela génese democrática da revolução de 25 de abril de 1974.

Destaco, também, a necessidade do reforço das instituições e de, dando o exemplo, incutir nos cidadãos a confiança nas nossas instituições, sejam elas a freguesia, o município ou o governo nacional.

Sendo a nossa uma democracia representativa, com mais acuidade se tem que pugnar pela credibilidade das instituições, tanto quanto dos seus próprios autores, nós mesmos, os políticos e todos os que se preocupam e interessam pelo bem público.

Aliás, é consensual afirmar que a credibilidade da democracia se mede pela credibilidade das instituições e dos políticos.

Pelo que, necessariamente, se impõe aos políticos uma cuidadosa e criteriosa gestão dos bens públicos, tendo em conta os anseios e legítimos interesses dos eleitores, mas sempre numa ótica de não defraudar o futuro (sem esquecer o presente), agindo com transparência, dando a conhecer as difíceis escolhas impostas pelos recursos escassos, de forma a tornar claras essas mesmas escolhas.

Porque falamos em democracia plena, credibilidade e clareza de propósitos, devemos chamar à decisão os próprios cidadãos, através dos mecanismos da democracia participativa, alicerçados no envolvimento ativo da audição dos cidadãos, o que permitirá uma maior proximidade e maior coesão social.

Isto é tão mais importante, quanto sentimos (e constatamos) que os cidadãos se afastam dos partidos políticos clássicos, não se interessam pelo debate político e desistem até da participação cívica.

Por força da atuação de uns quantos, a democracia tem vindo a revelar fragilidades e a política a ameaçar tornar-se, aos olhos dos cidadãos, uma atividade pouco aconselhável, suspeita, com laivos de oportunismo, clientelismo e até de corrupção, quando antes era vista como fonte de respeito e de prestígio.

Não será por acaso, certamente, que os movimentos independentes têm vindo a crescer em todo o País e a demonstrar que os cidadãos não desistem de ter uma palavra a dizer quanto aos seus destinos, ainda que se não revejam nos atuais partidos políticos.

Não obstante, acreditamos nos consensos políticos (que não apenas partidários), que permitam mostrar aos cidadãos que é possível trabalhar em conjunto, na preocupação de fazer o melhor pelas pessoas e pela nossa terra. Juntos podemos mais.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Temos que continuar a lutar por um concelho solidário, atento às pessoas, apostado no desenvolvimento que torne reais os horizontes de esperança que vamos abrindo com a nossa ação.

Temos que continuar a ser corajosos, combatendo as assimetrias regionais, lutando pelo desenvolvimento do interior e por políticas assertivas e diferenciadoras, para que os Fundos Comunitários não sirvam apenas ao litoral, mas se apliquem no interior.

Minhas senhoras e meus senhores

Desde aquele 25 de abril de há 44 anos atrás, muito evoluímos na marcha da democracia e do crescimento como cidadãos e como povo.

Temos a possibilidade de usufruir em pleno da democracia e preservamos os direitos, liberdades e garantias que a revolução de 1974 nos deixou e que a Constituição da República Portuguesa consagra, como valores cimeiros do nosso edifício político, legislativo e comunitário.

Cabe, a cada um de nós, dar o melhor de si na prossecução desses valores, na construção de um país melhor, mais justo, mais rico e mais livre.

Quanto maior e mais claro for o exercício das funções políticas e públicas e maior a participação cívica dos cidadãos, maior será o entendimento de todos os envolvidos, de todas as partes que, afinal, necessitam umas das outras.

A democracia é uma tarefa inacabada que se constrói todos os dias e que se melhora a cada momento em que participamos na construção da nossa comunidade.

A data de hoje recorda-nos isso mesmo, o de que o 25 de abril nos deve acompanhar em todos os momentos da nossa vida.

Termino com um sentido agradecimento e um forte aplauso a todos os eleitos que serviram e servem o Poder Local, como conquista de abril, bem como a todos os trabalhadores que desde o 25 de abril de 1974 até hoje serviram o povo, com esforço, com empenho e com dedicação.

Viva o 25 de Abril, Viva Portalegre, Viva Portugal”

O Presidente da Assembleia Municipal de Portalegre, Luís Testa, proferiu o seguinte discurso:-----

“Muito bom dia. Quero começar por cumprimentar os membros da Assembleia Municipal de Portalegre, as senhoras e os senhores membros que fazem parte do maior e mais representativo órgão da democracia, no concelho de Portalegre; cumprimentar a senhora Presidente de Câmara e os senhores Vereadores; cumprimentar os representantes da sociedade civil e das instituições que servem o concelho de Portalegre e o País, destacar a presença do Presidente do Politécnico de Portalegre; a senhora Comendadora Domingas Valente; os senhores representantes da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Portalegre e da Liga dos Combatentes; o senhor Comandante da PSP; os senhores Comandantes da GNR; os senhores representantes dos Partidos Políticos, que não tendo assento na Assembleia Municipal de Portalegre, também nos orgulham com a sua presença; minhas senhoras e meus senhores; Portalegrenses:

Quero iniciar a minha intervenção saudando uma das mais representativas e dinâmicas associações do concelho de Portalegre: a Euterpe é para nós a *alma mater*,



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

a associação sobre a qual não existem isenções e que tem vindo a contribuir para a valorização do nosso concelho, que tem levado o nosso nome lá fora e tem reportado e aportado ao concelho de Portalegre a singularidade de que educando se faz cultura. Ao seu Presidente e a todos os membros que a compõem: o nosso muito obrigado, em nome de Portalegre.

Quarenta e quatro anos de aventura, de sofrimento e de luta. São quarenta e quatro anos que nos separam daquela noite em que uma coligação, só possível em coligação entre as forças armadas e o povo português. São quarenta e quatro anos de tenacidade de todos aqueles que sonhavam, àquela data, ter um Portugal melhor. São quarenta e quatro anos de conquistas, políticas todas. Deixámos de ter um voto censitário, um regime onde só alguns se reconheciam e onde apenas muito poucos tiravam proveitos.

Conquistas políticas todas, porque desde o 25 de Abril de 1974, o povo português reconhece-se, no seu País, na sua democracia, no seu sistema e na República.

São quarenta e quatro anos onde todos, sem exceção, passámos a poder votar e a poder ser votados; onde passámos a poder eleger e passámos, todos sem exceção, a pode ser eleitos.

Aqueles que como eu, ao mesmo tempo, votam e são votados, elegem e são eleitos, reconhecerão que mais importante do que ser eleito é o poder de eleger.

Ser eleito é fugaz, passa num ápice, os mandatos passam num ápice; o poder de eleger, esse sim, permanece para a vida. E é essa a intervenção que um cidadão, em todas as ocasiões, deve exercer. É esse poder que deve exercer, é essa experiência singular de votar que deve poder e tem o dever de exercer a todas as eleições.

Conquistas políticas, todas, mas também conquistas no plano social e económico, não todas mas as possíveis. E nós só podemos aferir da qualidade da trajetória do caminho que percorrermos, de acordo com o método comparativo.

Aqueles que têm a oportunidade, e ainda são muitos, de comparar os dias de hoje com aqueles dias imediatamente a seguir ao 25 de Abril, têm oportunidade de comparar as diferenças brutais da nossa sociedade. As diferenças de oportunidades que foram criadas: a escola pública e universal para todos, a educação para todos, sem exceção. A educação que possibilitou que o filho do patrão se pudesse sentar à mesma mesa do filho da empregada, que pudessem os dois tirar os mesmos cursos, que pudessem os dois exercer as mesmas profissões.

No plano social e económico muito está por fazer, está sempre tudo por fazer. E essa tem sido a prática e a experiência que a democracia nos tem revelado todos os dias. Como já aqui foi dito por todos, sem exceção, esse é o trabalho em contínuo porque a revolução nunca está acabada. Não é só a democracia que está incompleta, é a revolução que é preciso manter viva, porque há revolução todos os dias a fazer.

A política é, provavelmente, o bem maior que nos deu o 25 de Abril. E o que é a política? Essa entidade abstrata, que muitos se referem a ela com desdém, mas que eu não perco a oportunidade de elogiar neste momento. A política é a intervenção dos cidadãos em coletivo, ou cada um por si, na gestão do bem público. A política é a capacidade que cada um tem por si próprio, ou em conjugação com os demais cidadãos, de intervir naquilo que é de todos. É a capacidade que nós temos de nos organizar e de emprestar um pouco de nós àquilo que é do coletivo. O processo político é complexo, às vezes demasiadamente complexo, mas a democracia



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

encarrega-se de simplificar esse processo. Todos os dias a democracia arranja soluções para os mais incríveis dos problemas. E temos a função, a função que nós todos temos de defender, todos os dias, sem exceção. Não há democracia sem política e não há política sem políticos.

E, portanto, eu não me canso de repetir que a política se deve remeter ao debate de ideias e à construção de soluções. Os ataques sem qualificação entre políticos, mais do que atacar os destinatários desses ataques, atacam a democracia e o regime democrático. É um favor que muitos políticos fazem àqueles que são detratores da democracia e, é por isso, que nas funções que ocupo não me cansarei de repetir que nos devemos remeter todos os dias, sem exceção, ao debate de ideias e À construção de soluções.

O Povo e o Movimento das Forças Armadas fizeram o 25 de abril para que isto pudesse acontecer. Portanto, aquela ladainha, aquela história que muitas vezes é repetida, também por esses detratores, de que não foi para isto que foi feito o 25 de Abril, a isso nós devemos responder: Foi precisamente para isto que foi feito o 25 de Abril e todos os dias assim continuaremos. Compromisso, cultura de compromisso é o bastante para as Associações funcionarem.

Quero terminar cumprimentando todos os eleitos locais, aqueles que exercem funções executivas e os que fiscalizam funções executivas, que têm na sua mão o poder que lhes é delegado diretamente pelo Povo, cumprimentá-los, enaltecendo a sua nobre função.

Quero terminar cumprimentando o Povo de Portalegre, o Povo anónimo que não se manifesta e que não se manifestando tem nele a responsabilidade e reconhecendo a responsabilidade aos seus eleitos de os representarem.

Quero cumprimentar as instituições que agregam as pessoas.

Foi para isto que fizemos o 25 de Abril!

Muito obrigado”

FALTAS: Faltaram os membros: João Manuel Vivas, Luís Miguel Ricardo e Henrique Manuel Santinho.-----

ENCERRAMENTO:

=====

Não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo Presidente da Mesa, encerrada a sessão solene, comemorativa do 25 de abril, eram 11.30 h, da qual foi lavrada a presente ata, que será devidamente assinada, nos termos da lei.-----